



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano I nº 09

L • E • T • R • A • S

DF

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 28 de fevereiro de 1994

Lendas e Histórias da Nossa Terra



Nesta edição

2 — Editorial

3 e 4 — Lima Barreto
Jason Tércio

5 e 6 — Sexualidade e a Moda Portuguesa
Paulo Bertran

7 e 8 — Mito Indígena
Manoel Rodrigues

9, 10 e 11 — Formoso de Minas
Xico Mendes

12 — Música Popular
Renato Vivacqua

13 e 14 — A Elite Dirigente
Corsino Medeiros

15 e 16 — Canudos
Cyl Gallindo

17 — Poesias

18 — Literatura
Orlando Tejo

19 — Cartas

20 — Contracapa

A atualidade de Lima Barreto

As críticas do escritor carioca às mazelas brasileiras continuam valendo até hoje

□ **Jason Tércio**

Os estudos de literatura constituem uma instância de legitimação do poder literário das elites intelectuais. A crítica, seja jornalística ou universitária, seleciona e determina o que deve ser lido e valorizado, excluindo obras que não se adequem aos critérios estéticos vigentes.

Desse modo o leitor é direcionado, seu gosto literário é controlado, enquanto se reproduz a hegemonia dos detentores do saber, cujos critérios de avaliação de uma obra não são apenas estéticos, mas também morais, políticos, sociais. Há um evidente caráter ideológico autoritário na crítica literária, na medida em que um indivíduo, representante dos valores culturais predominantes, interfere na produção (favorecendo tendências e modismos), na circulação e no consumo do livro.

Assim se forma o cânon literário, do qual fazem parte uns e não outros, estabelecendo-se uma hierarquia estética. A consagração (e a rejeição) dos escritores por parte da crítica depende sempre de conceitos e preconceitos que pautam os juízos de valor. A consagração corresponde às idéias e interesses dos grupos dominantes. E não é demais lembrar que a hegemonia cultural é parte intrínseca da hegemonia política e econômica. A primeira não se consolida sem a participação da segunda.

Daí porque escritores com talento e vocação, autores de basta obra, são relegados, esquecidos, inserindo-se contrafeitos na categoria dos "malditos". Porque confrontaram não apenas o estilo literário dominante, mas também e sobretudo o pensamento e o poder das elites, sem fazer concessões.

Machado de Assis foi aceito, assimilado e consagrado em seu tempo porque seus livros faziam ataque existencial e filosófico contra as mazelas do ser humano. Machado não desafiou es-

truturas políticas, intuições. Pelo contrário: foi o criador da mais nobre instituição literária do país, a Academia Brasileira de Letras. Com seu texto elegante, pontilhado de citações de personalidades européias, abordando dramas individuais das classes abastadas ou da classe média em ascensão, Machado de Assis integrou-se ao gosto dos leitores que faziam parte dessas mesmas classes, as únicas que tinham acesso à educação formal.

Em contraposição, seu contemporâneo Lima Barreto — embora também negro, sem educação universitária, de origem pobre e vivendo no mesmo ambiente cultural — não faz parte do cânon literário. Foi recusado duas vezes na Academia, discriminado e rebaixado à condição de escritor menor, marginalizado socialmente. Sua desintegração física, devida ao alcoolismo, e sua pouca receptividade literária, são decorrência direta de sua posição contestadora, rebelde e provocativa, não poupando nenhum setor das elites dominantes, inclusive a literária.

Num país onde até hoje a obra literária de um escritor é julgada de acordo com o status profissional, econômico ou político que ele representa, autores como Lima Barreto não são aceitos facilmente. Isso explica o fato de haver obras medíocres aplaudidas pela crítica, quando os autores são personalidades representativas das elites. Essa característica brasileira vem desde o arcadismo, quando os escritores eram, antes de tudo, profissionais liberais conceituados na cúpula da sociedade.

Roberto Reis, em brilhante ensaio intitulado *Cânon*, observa: "Necessário ainda averiguar de que forma o cânon é reproduzido e como circula na sociedade, investigando, para enumerar alguns meios de divulgação, jornais e suplementos literários, antologias e currículos escolares e universitários, resenhas e crítica literária, comendas e prêmios,

chás de Academia e noites de autógrafos, nomes de logradouros públicos e adaptações para outros mídia, como o cinema ou a televisão. É mediante tais veículos que se propaga e perpetua o cânon". (1)

Convencionou-se denominar de "maldito" todo artista, mas sobretudo escritor, que, tendo grande qualidade literária, desviou-se dos padrões predominantes em seu tempo, desafiou costumes e radicalizou sua análise do ser humano. Por isso seu reconhecimento e inserção no cânon literário deu-se tardiamente, e mesmo assim de modo controverso e sem unanimidade. Sua personalidade foi, em vida, marginal.

É o caso de autores como Lautreamont, Edgar Allan Poe, Sade, Swinburne, Baudelaire, Villon etc. No Brasil podemos considerar "malditos" o dramaturgo Gorpo Santo, Gregório de Matos, Lima Barreto, entre outros.

Os romances, contos, artigos, crônicas e memórias de Lima Barreto foram amaldiçoados por boa parte da crítica de seu tempo. Os poucos críticos que o apreciaram em vida o fizeram geralmente em função dos aspectos sociais da obra de Lima Barreto. Esses críticos, de esquerda, viram na obra um documento do Brasil nos primeiros anos deste século e uma forte denúncia dos males que caracterizam a sociedade brasileira, suas contradições e aberrações.

Mas de modo geral as reações a Lima sempre foram dispares e ambivalentes. Ora rotulados de escritor panfletário e sem estilo definido, ora louvado como um dos mais argutos autores do País, sua obra, a julgar pelas opiniões da crítica, teria um valor relativo, conforme o ponto de vista que fosse encarado.

A ninguém passa despercebido, porém, o traço fundamental da obra de Lima Barreto: uma visceral paixão pelo Brasil, um inconformismo com os valores estabelecidos, inclusive a linguagem literária então pre-

dominante, neoparnasiana. É consenso hoje que ele foi o mais legítimo representante do pré-Modernismo nas letras brasileiras, tendo antecipado as inovações formais e a brasilidade de 1922.

Sintomaticamente, os detratores da obra de Lima Barreto balizaram seus julgamentos mais no aspecto formal, estilístico, para rechaçarem o conteúdo. Seus livros foram considerados mal escritos, quando na verdade o escritor só poderia mostrar as perversões da vida brasileira com uma linguagem anti-acadêmica, crua, deselegante, suja.

Numa carta escrita em 1918, Lima Barreto sintetizou seu ideário:

"Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, pa-

ra soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todos, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si". (2)

Com esta afirmação, Lima Barreto expôs seu projeto literário, demonstrando que seus eventuais erros estilísticos eram deliberados, parte de sua visão do papel da literatura num país como o Brasil. Não a literatura ornamental, tampouco a literatura como pré-requisito de distinção social, bacharelesca, mas a literatura participante, militante, sem se tornar um instrumento meramente político. A literatura, para ele, era parte da política, da economia, dos costumes, da educação, da vida social. Foi essa tentativa de abranger todos os aspectos da sociedade brasileira que atraiu desafetos, mas também admiradores.

Olhar Ferino

Em *Os Bruzundangas*, crônicas satíricas publicadas no jornal ABC, Lima virou o Brasil pelo avesso:

"Não há lá homem influente que não tenha pelo menos 30 parentes ocupando cargos do Estado. (...) No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios, abandonados e indivisíveis; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimidas por chefões políticos incapazes de dirigir a coisa mais fácil desta vida. Vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos,



com títulos altissonantes disso e daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres".(3)

Em outro trecho dessas crônicas, lançadas em livro posteriormente, Lima diz: "A política não é aí uma grande cogitação de guiar os nossos destinos; porém, uma vulgar especulação de cargos e propinas".(4)

Em artigo incluído no volume *Marginália*, Lima dá sua visão da política brasileira: "Eu a encaro, como todo o povo a vê, isto é, um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados que exploram a desgraça e a miséria dos humildes. (...) Ninguém quer agitar idéias, ninguém quer discutir, ninguém quer dar a emoção íntima que tem da vida e das coisas".(5)

O bacharelismo, o saber acadêmico foi alvo de inúmeras e virulentas farpas lançadas por Lima, na ficção e em artigos publicados em pasquins como *A Lanterna*, *Careta*, *ABC*, os únicos que o aceitavam.

Sobre Coelho Neto, o mais respeitado escritor da época, Lima Barreto escreveu em artigo publicado em 1918, e incluído em *Marginália*: "Romancista que só se preocupou com o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das grandes idéias do tempo, em que não repercutiram as ânsias de infinita justiça dos seus dias, em quem não encontrou eco nem revolta o clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho. (...) Literatura puramente contemplativa, estilizante".(6)

Sobre a chamada alta sociedade: "São doutores arquivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Eles descendem de fazendeiros arrebatados, sem nenhuma nobreza".(7)

A crítica literária e os escritores "estilizantes" foram alvos frequentes de Lima, desde seu primeiro livro, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909. Romance à clef, retratou pejorativamente diversas personalidades do meio jornalístico e literário. Assim o autor se refere a um personagem crítico literário: "Uma casta de autores ele sempre elogiava: os diplomatas. Um deles publicou compilação de naturalistas e de receitas agrícolas sobre

frutas nacionais e o crítico elogiou a virtuosidade artística, o estilo límpido e sereno".(8)

O estilo literário vigente recebeu inúmeros ataques de Lima, como neste trecho de *Os Bruzundangas*, no qual o autor se refere aos escritores: "... o que eles publicam são sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos, lambidinhos, cantando as espécies de jóias e adereços que se encontram nas montras dos ourives".(9)

Opção pelo Subúrbio

Um escritor desse tipo não poderia se integrar dos meios literários de uma sociedade fechada, provinciana e preconceituosa como era o Rio de Janeiro nas primeiras décadas deste século, quando se tentava transplantar a **bella époque** parisiense para uma cidade cheia de mosquitos, buracos, cortiços, febre amarela; uma cidade onde o violão era instrumento de malandro e negros, rechaçados pelas classes média e alta.

Um breve paralelo com Machado de Assis se faz necessário. Esse escritor, embora também negro, de origem pobre, sem educação superior e vivendo ainda na época da escravidão, nunca escreveu sobre as classes pobres e os negros. Raros são os personagens negros em Machado, e mesmo assim aparecem como meros figurantes, com pouca ou nenhuma fala. O cerne de seus livros é o espírito burguês, o que não diminuiu seu valor.

Já Lima Barreto concentrou-se nos personagens da classe média baixa e suburbana, nos pobres e boêmios. Os ricos ou os intelectuais, quando aparecem nos seus livros, são satirizados, ironizados. Talvez isso explique por que dois escritores tão semelhantes na origem social e da mesma cidade tiveram receptividade tão diversa por parte da crítica e, conseqüentemente, dos leitores.

Num tempo em que a divulgação e promoção dos li-

vros eram feitas apenas através dos jornais, e os críticos tinham o status de autoridade intelectual, a repercussão de uma obra era norteadada sobretudo pela imprensa, além da propaganda boca-a-boca. A informação de massa era monopolizada pela imprensa escrita, os grandes jornais eram dominados pelo que Lima Barreto chamava de "mandarins da literatura", e qualquer livro, para obter sucesso, tinha que ser antes aprovado pelos principais críticos.

Um dos mais respeitados críticos contemporâneos de Lima foi Ronald de Carvalho. Diplomata, poeta, articulista regular nos principais jornais, Ronald foi o terceiro principal historiador literário brasileiro de sua época, depois de Silvio Romero e José Veríssimo. Sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, de teor culturalista, não procura fugir aos estilos de época. E sequer cita o nome de Lima Barreto, embora este já tivesse publicado quatro romances quando aquela obra foi publicada, em 1919. De fato, Lima havia publicado seus principais livros, sendo que os seguintes seriam antologias de artigos, crônicas e contos a maioria não inéditos.

O silêncio de Ronald de Carvalho não foi, certamente, um lapso de memória, pois Lima Barreto era presença constante nos cafés, nos bares, e na imprensa. Ou seja: seu nome era conhecido, como escritor.

O historiador apenas preferiu ignorar uma obra que ele considerava menor. Na verdade, a *Pequena História da Literatura Brasileira* tem sido vista como um livro superficial e acadêmico, além de, acrescente-se, pretensioso.

Se Ronald de Carvalho preferiu a forma mais contundente de desprezo pela obra de Lima Barreto, o silêncio, seus sucessores em linhagem e pensamento recorreram à tática de desqualificar o mérito artístico de Lima.

Wilson Martins, na *Histó-*

ria da *Inteligência Brasileira* (volume VI), louva Ronald de Carvalho como um crítico de "sensibilidade apurada e esperta".(10) e defendendo-o da disseminada acusação de superficial. "Seria injusto acusá-lo de superficialidade pelo fato de ter desprezado as minúcias e o aprofundamento intensivo das questões".(11)

Essa identificação de Wilson Martins com Ronald de Carvalho se reproduz também na opinião sobre Lima Barreto, com a diferença de que o primeiro não pode mais omitir o escritor carioca de sua análise, e parte então para desacreditá-lo, atacando seus erros estilísticos e vendo sua obra como mero reflexo de frustrações pessoais. Um ponto de vista conservador e caduco.

Para Wilson Martins, toda a obra de Lima Barreto é a "transposição fictícia de seu próprio malogro", exemplificando com trecho de um conto, "mal escrito, como sempre". E classifica *Os Bruzundangas* como um "panfleto nacionalista, xenófobo, ressentido e cansativo".(12)

Já Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de Ficção*, concede grande espaço a Lima Barreto, considerado por ela como "o primeiro dos modernos".(13) Nesse livro, fundamental na historiografia literária brasileira, publicado em 1950, a autora diz que Lima Barreto "logrou conciliar a agudeza analista e o sentimento poético, porque possuiu a ambos em alto grau..."(14)

Outro eminente crítico, contemporâneo, e que resgatou o valor da obra de Lima Barreto, foi Alfredo Bosi. Em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, ele fala que em Lima Barreto "... o que parece apenas espontâneo e instrutivo em sua prosa narrativa é, no fundo, consciente e, não raro, polêmico".(15)

Essa postura confirma o que foi dito anteriormente, que todo o enfoque de conteúdo e estilo de Lima foi parte de um projeto deliberado de fazer uma literatura que radicalizasse a sua op-

ção pela dignidade do ser humano em sua totalidade, e particularmente o ser humano brasileiro. No prefácio de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* Lima já adverte que é "um livro desigual, propositadamente mal-feito, brutal por vezes, mas sincero sempre".(16)

Marginalidade Reciclada

Embora reabilitado pela crítica mais renomada de nossos dias, Lima Barreto continua sendo um escritor pouco conhecido nas escolas e entre o público em geral. Uma explicação para isso pode ser o fato de as estruturas políticas, culturais e econômicas do Brasil serem ainda muito semelhantes, na essência, às que existiam no começo do século, e que foram denunciadas por Lima.

O bacharelismo, o culto às aparências e ao saber livresco, a mania de citações, a corrupção política, as brutais desigualdades econômicas, a valorização da literatura estrangeira em detrimento dos novos autores nacionais, o preconceito racial nunca admitido, o apadrinhamento, o nepotismo, o fisiologismo — tudo está aí.

E as universidades contribuem para manter Lima Barreto à margem, ao privilegiar nomes tradicionais consagrados pela crítica estabelecida. As escolas secundárias também reproduzem esse equívoco, não adotando novos autores em seus currículos.

Desse modo, o aparelho ideológico da cultura (formado pela crítica literária, pelas universidades e escolas em geral, pela imprensa e pela mídia como um todo) mantém no Olimpo literário os mesmos medalhões, selecionando o que deve ser lido.

Uma reflexão aprofundada dessa questão se faz necessária.

□ Jason Tércio é jornalista e escritor

NOTAS

1. Roberto Reis, "Cânon", em José Luis Jobim, *Palavras da Crítica* (Rio de Janeiro: Imago, 1992), p. 74.
2. Lima Barreto, *Correspondência Ativa e Passiva*, vol. I (São Paulo: Brasiliense, 1956), p. 62.
3. Barreto, *Os Bruzundangas* (São Paulo: Ática, 1985), p. 43.
4. Barreto, *ibid.*, p. 78. Lima Barreto foi um sensível observador dos costumes políticos brasileiros e sempre criticou seus vícios, sobretudo no romance *Numa e a Ninfa*, mas nunca militou em nenhum partido. Uma vez ele falou "não sou socialis-

ta nem anarquista, não sou nada. Tenho implicações".

5. Barreto, *Marginália* (São Paulo: Brasiliense, 1956), p. 98.
6. Barreto, *ibid.*, pp. 110-111.
7. Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (São Paulo: Brasiliense, 1956), p. 18. A mania de ostentar título de ser "doutor" é um dos temas preferidos de Lima em seus livros, satirizando ou demonstrando aversão.
8. Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (São Paulo: Ática, 1990), p. 90. O *Correio da Manhã*, satirizado nesse

romance, proibiu a redação de publicar qualquer texto sobre e de Lima Barreto, proibição que vigorou até o fechamento do jornal, na década de 60.

9. Barreto, *op. cit.*, p. 49.
10. Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira*, vol. VI (São Paulo: Cultrix, 1978), p. 134.
11. Martins, *ibid.*, p. 135. Fábio Lucas falou de Lima em capítulo adicional.
12. Martins, *ibid.*, pp. 162 e 261.
13. Lúcia Miguel-Pereira, *Prosa de Ficção* (Belo Horizonte: Itatiaia, 1988), p. 265.
14. Miguel-Pereira, *ibid.*, p. 270.